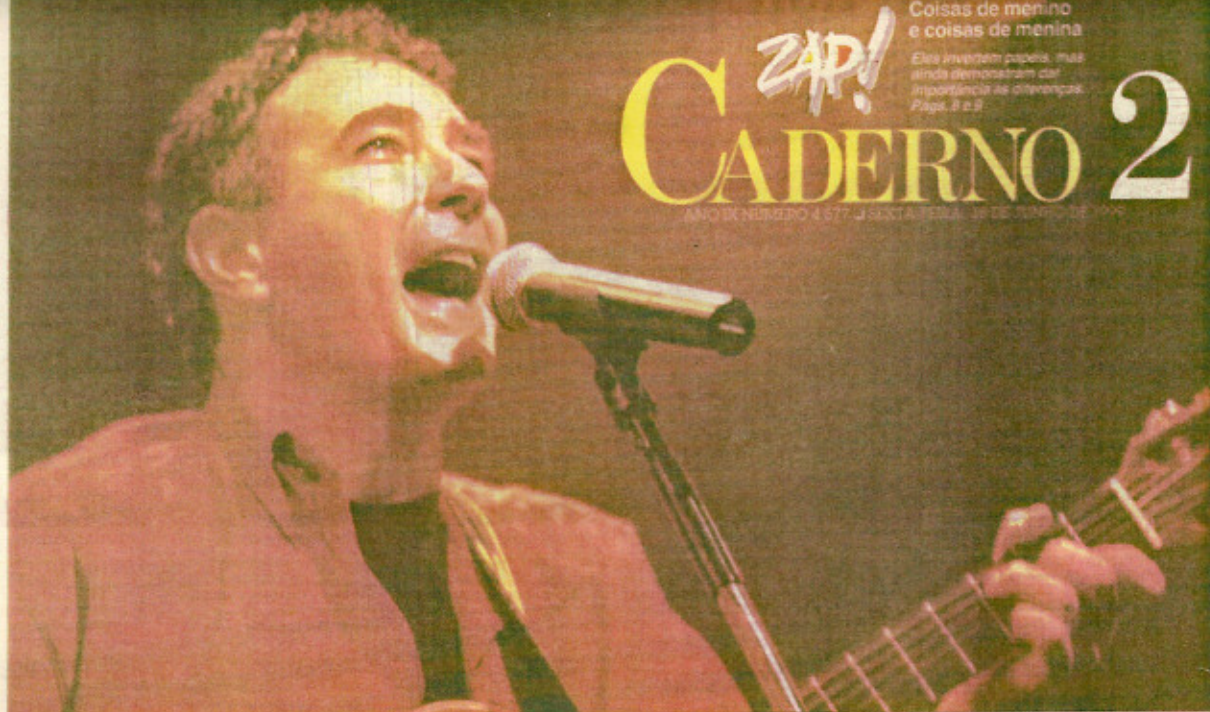


CADerno 2

ANO IX NÚMERO 4 577 - SEXTA-FEIRA, 10 DE JUNHO DE 1999



Celso Viáfóra sai em busca da cara do Brasil

O compositor lança hoje, na Tom Brasil, seu novo disco, obra de reverência a cultura popular

MAURO DAS

Vêja o show, compre o disco e leia o encarte. Deixe-se levar pela poesia de Celso Viáfóra. O compositor lança, em shows de hoje a domingo, na Tom Brasil, seu novo, terceiro, CD, lançamento da RGE. Chama-se *Cari do Brasil*. O título é quase o mesmo da parceria de Celso e Vicente Barreto que foi gravada por Ney Matogrosso, no disco *Olhos de Fênix*. É a fita que encerra o conceito do disco de Ney, que resume sua intenção.

O samba-de-roda (com direito a triângulo e surdo) do balano (de Serinha) Vicente e do paulistano Celso ganhou um artigo definido que o título do disco não tem: *A Cari do Brasil*. É afirmativo. Mas é uma pergunta, muitas perguntas: "O Brasil é uma foto do Betinho? Ou um vídeo da Favela Naval?" (É quem tá do Vilgal e o mar e as ilhas? Ou quem das ilhas vê o Vilgal?) É uma pergunta crucial: qual a cara da cara da Nação?

É, por certo, a pergunta que todos os brasileiros conscientes se fazem. Vamos regionalizá-la: a cara de São Paulo é a de seus vereadores ou a dos dignos cidadãos que pagam com sua honestidade o loteamento da capital? Trata-se de uma questão que transcende o samba magnífico e que orienta a obra. Celso Viáfóra é um poeta de perguntas. O grande poeta novo da música brasileira.

Maturidade - Nem tão novo, não, pois compõe desde o início dos anos 80, embora só há pouco tempo tenha ultrapassado o círculo dos felizes conhecedores iniciados e se projetado para uma esfera mais ampla. *Cari do Brasil* é seu trabalho de maturidade artística.

No novo disco, faz quase toda a voz: viola, cavaquinho, parte dos arranjos - Arnaldo Godoy escreveu as cordas da canção *Deslumbramento* (de Celso) e o clarinetista Naylor Proveta e responderá pela parte orquestral da rumba (mas também é samba, baile...). *Auto-Retrato* e pela grade do quinteto de metais do choro quebra-quebra *Di Meuse*, a primeira só de Celso e a outra, parceria dele com Guinga.

A canção *Letra de Lua*, que já foi gravada por Vânia Bastos, abre o disco. É um hino para São Paulo, um contraponto possível, em tom bluesy, para o *Samba do Amôro*, de Tom Jobim. "Namoro São Paulo da janela do avião? Os néons desenhando um céu de estrelas lá no chão...". Tem um clima de solidão da zona da cidade, brevemente nostálgico dela, cidade, tão maltratada, clima acentuado pelo piso econômico de Arnaldo Godoy e pelo flugelhorn isolado, em contraponto, de Valmir Gil.

"Não é de mar, não é de sol/ São Paulo são ideias", termina o canto amoroso. O disco, como eram os



discos anteriores, especialmente o segundo, *Positivo Condição*, é disco de ideias. Celso escreveu, para o símbolo de Vicente, a letra de *O Guri*. Atenção: é uma citação de Chico Buarque, sim. A continuação de *Meu Guri* - que Chico, aliás, adorou: "Mas que vai se chamar Bê? Yaguê-bando e o da lei vai rista de joelho e beija os seus pés/ Meu guri vai nascê senhor/ Pai dos pé-de-chulé/ Não vai ter pra meganha ou malfeitor".

É a mesma questão da identidade do samba-título. Celso, como todo humanista - como Chico e Aldir Blanc, especialmente - acredita nele: correia de sua gente. Sua expressão tenta entender, às vezes explicar, como em *O Boque do Pêlo*, gô-nese do samba paulista: "Nasce da batida do moçoio/ No baroque da lavagem/ No rejeito da colher/ No moreto que lava o tijolo/ Enquanto tira da vassoura o xico-xico do afofô".

Num dos melhores momentos do disco, em *Nova Viçosa* (só dele), Celso retoma a história, agora contada na primeira pessoa. A família, descendente de italianos, reunia-se no terraço para o macarrão comidinal, frequentado pelo tio violinista amador, pelo avô diabético que aproveitava a presença de netos, o bisavô de primos, para comer escondido. No fim da festa vinha o samba inventável, mas sem reco-reco, pandeiro ou tamborim: para bater, o disponível eram garfos, facas, pratos. É essa a percussão de *Nova Viçosa*, que era sóba e mandou o filho para negro Balbino ensinar a gingar.

É, assim, um disco de ideias, de muitas perguntas. Imensa perplexidade, algumas especulações, umas quantas respostas e a onipresente grave, profunda reverência à cultura popular, à entidade chamada música brasileira, pela qual e para qual vive o poeta compositor. Encerra *Cari do Brasil* o bônus *A Bênção*, que tem no coro uma representativa amostragem de nossos músicos mais dignos, do MPB-4 a Chico César: "A bênção o que toca lã na Pele/ A bênção o que toca flauta no metrô/ A bênção o tamborim mirim da Beija-Flor/ A bênção o primeiro que bateu em algo oco por dentro/ A bênção quem primeiro tirou música do sopra do vento/ A bênção quem primeiro conseguiu resumir o sentimento/ Na frase musical que pôs no ar/ A bênção quem saiu pro meu som soar." A bênção, Celso Viáfóra.

nome: andré suplicy
idade: 30
onde nasceu: são paulo
onde vive: são paulo
profissão: advogado e escritor
o melhor de são paulo: trabalho, amigos, futebol e restaurantes
como você se diverte: do por
o que é mais para você: conforto para o corpo e para os olhos
diversão: e mal distribuído
roupa: jaqueta de algodão peletizada - R\$ 79,99

LUIGI BERTOLLI

Moda São Paulo



SERVIÇO

Celso Viáfóra. Hoje e amanhã, às 22 horas; domingo, às 20 horas. De R\$ 15,00 a R\$ 35,00. Tom Brasil, Rua das Glórias, 66, tel. 820-2326. Patrocinadores da Casa: Volkswagen e TransBrasil. Patrocinador: Tejafran - Saneamento e Serviços Especializados. Apoio: Coca-Cola, Unidas, Contemporânea e Takamine. Apoio Institucional: Prefeitura do Município de São Paulo